

SOBRE TENTAR NÃO DESAPARECER: MEU PERCURSO PELAS VEREDAS DAS ANTOLOGIAS DE CONTOS ERÓTICOS DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL E A LACUNA DE ESCRITORAS NORDESTINAS NESTE GÊNERO LITERÁRIO

Luciana Borgesⁱ

RELATO DE EXPERIÊNCIA



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Graduada em Letras (Licenciatura Plena em Letras Português) pela Universidade Federal de Goiás (UFG – Campus Catalão), Mestre e Doutora em Letras – Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), com Estágio Pós-Doutoral na área de Literatura de Autoria Feminina pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Grupo de Pesquisa Dialogus – Estudos Interdisciplinares em Gênero, Cultura e Trabalho e Coordenadora do GT ANPOLL – A Mulher na Literatura. Professora de Literatura na Universidade Federal de Catalão (UFCAT). *E-mail*: borgeslucianab@ufcat.edu.br.

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Este dossiê versa sobre o silenciamento e o apagamento de escritoras nordestinas por nosso cânone literário. Falocêntrico e excludente, ele não somente é misógino, sexista e racista, mas também acachapante quando a pauta é a literatura erótica. Ainda mais quando quem escreve é uma mulher. Pior ainda quando se trata de uma nordestina. Veremos aqui a prova disso.

Minha trajetória na seara da Literatura iniciou-se na graduação em Letras, mas como pesquisadora, iniciou-se mais precisamente em 1994, quando ingressei no mestrado em Estudos Literários, na Universidade Federal de Goiás. Desde 2006, sou docente de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Catalão e pesquisadora do Grupo Dialogus (CNPq) na mesma instituição. Além dessas experiências, penetrando nos meandros das letras, estudo a literatura erótica de autoria feminina desde 2004 e divido com você, leitora, leitor, uma súpula dessa caminhada.

O presente relato de experiência aborda questões relativas à pesquisa sobre antologias de contos eróticos de autoria feminina publicadas no Brasil a partir da década de 1980, um trabalho de investigação científica desenvolvido por mim no intuito de visibilizar obras de ficção em que os temas sexuais são explorados pelas autoras em suas diversas faces – seja de modo sutil, no chamado erotismo de alusão, seja nos modos mais explícitos e disruptivos de expressão linguística, como a pornografia e a obscenidade. Os dados indicam que, no caso da escrita erótica de autoria feminina, fatores como investidura de gênero, imposições patriarcais e controle da sexualidade e do corpo das mulheres repercutem nas narrativas, transformando os projetos estético-formais das antologias em projetos políticos de autonomia e autoafirmação da potência erótica feminina.

Quando colocamos em paralelo todas as escritoras que produziram ou produzem literatura erótica em nosso país, descortina-se perante nós uma realidade que tanto tem de preocupante quanto de injusta: a representatividade ínfima das nordestinas nesta seara encolhe-se a uma cifra que não corresponde ao que deveria se questões sociais, políticas, culturais e econômicas – somadas e multiplicadas umas pelas outras – não interferissem diretamente nesta lacuna lastimável.

Sendo assim, aqui relato parte de minha trajetória na investigação acerca da literatura erótica tecida por várias beletristas lusófonas. Portanto, as linhas subsequentes tratam, primeiramente, da literatura erótica *per se*; seguidamente, apresento um resumo dos dados aos

que cheguei até agora nesta faina e proponho uma reflexão em torno da ausência de escritoras nordestinas na alcova da Literatura em Língua Portuguesa.

MEU PERCURSO NA INVESTIGAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA FEMININA

1 Sobre desejo e escrita: o campo do erotismo

Não basta desejar, é preciso escrever. Não basta escrever, é preciso publicar. Não basta publicar, é preciso permanecer. Sobre mulheres e escrita, talvez a questão da permanência seja mesmo um dos nós mais difíceis de desatar. Permanecer nos círculos de escritoras, permanecer nas livrarias, permanecer nas mesas e nas mãos de leitoras/es, permanecer nos livros-manuais didáticos, permanecer nos temas que se transformam em resenhas, artigos, dissertações e teses no meio acadêmico.

É com esses e outros mecanismos dessa natureza que a engrenagem do campo literário estabelece reconhecimento, permanência e passagem de obras a sucessivas gerações, constituindo o que se convencionou chamar de cânone literário. Os modos como obras canônicas se estabelecem já foi objeto de estudos das mais diversas naturezas: desde os que partem em sua defesa, até aqueles que questionam e problematizam a sacralização de algumas obras em detrimento e/ou desaparecimento de outras, ou os que questionam como a noção de literatura nacional foi constituída a partir de critérios da colonialidade do saber (Miranda; Assunção, 2022). Assim como a permanência de uma obra ou autoria através dos tempos é um processo complexo, é essa mesma roda dentada que tritura e faz desaparecer um sem-fim de escritoras, não raras vezes, a despeito da qualidade de suas obras.

Por motivos que vão desde a moralidade cristã, passando pela construção de uma suposta incapacidade intelectual, até a exploração capitalista da força de trabalho reprodutivo das mulheres, os mecanismos que têm frequentemente movimentado a autoria feminina resultam em invisibilidade e apagamento. Muitas mulheres escrevem, mas, ainda na atualidade, permanecem totalmente desconhecidas. Ou em alguns casos, alcançaram reconhecimento em suas épocas e depois se tornam “ilustres desconhecidas” do público mais amplo.

Há ainda a questão da regionalidade que, dado o tamanho continental do Brasil e a centralização no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, resulta em desconhecimento de autoras de maneira nacionalizada, causando predominância de autores do Sudeste nos compêndios de Literatura, nos programas de Literatura Brasileira, nos prêmios literários e nas estantes das livrarias.

Trabalhos de referência, já realizados por pesquisadoras como Zahidé Muzart (1999), Constância Lima Duarte (2016; 2023) e Anna Faedrich (2022), nos mostram como, ao longo da história da Literatura Brasileira, mulheres escreveram muito e com qualidade, como indicam as antologias de textos de escritoras do século XIX (Muzart, 1999), o inventário analítico sobre mulheres que atuaram na imprensa feminina e feminista (Duarte, 2023; 2016) e os estudos sobre desencorajamento e apagamento de autoras do século XIX (Faedrich, 2022). Todos apontam que, de maneira reiterada, nossas antepassadas foram explicitamente desencorajadas a escrever e publicar sob o argumento de que uma vida pública, para além das atividades domésticas previstas, desencadearia desvalorização social e prejuízos à reputação e à sua honra de moças dignas ou senhoras honestas.

O caso da noiva de Olavo Bilac, Amélia de Oliveira, indica bem como o processo de inibição e amedrontamento relacionados à vida pública e à escrita publicada se operava de maneira sub-reptícia, com tons de censura e por baixo do verniz dos falsos cuidados. Em carta endereçada à futura esposa, após esta publicar poemas em um jornal, ele assim a ela se manifesta, citando outra escritora do mesmo período, Julia Lopes de Almeida:

Ainda há bem pouco tempo, aqui em S. Paulo, um padre, escrevendo sobre Julia Lopes, insultou-a publicamente. Eu nada tinha com isso. Mas tratava-se de uma senhora e da mulher de um amigo meu: tive vontade de esmurrar o padre. E sem razão. Sem razão, porque uma senhora, desde que se faz escritora, tem de se sujeitar ao juízo de todos. Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. *Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, – mas nunca para o público*, porque o público envenena e mancha tudo o que lhe cai sob os olhos [...] Teu noivo, Olavo Bilac (Bilac, *apud* Faedrich, 2018, p. 166, grifos meus).

Ao dizer que Julia, escritora, ao ficar “mal falada” devido ao seu ofício e que por isso não merecia defesa, Bilac afirma, por conseguinte, que essa havia deliberadamente se jogado à exposição pública, inapropriada às mulheres que mereciam respeito. Ao frisar que a noiva deve escrever, mas *jamais publicar*, o escritor demarca esse lugar de privacidade e domesticidade ao que as mulheres deveriam se recolher e, junto com elas, recolher sua escrita, em nome da honra. Note-se que o temas dos poemas de Julia nem estão em pauta. Não se menciona que ela escreve e publica textos de teor erótico – considerados impróprios, obscenos ou desrespeitosos –, a advertência se refere ao ato de uma mulher publicar seus escritos na esfera extramuros de seu lar, independentemente da natureza do texto.

A poetisa portuguesa Maria Teresa Horta, contemporânea nossa, em entrevista sobre sua atuação como escritora e as restrições que são impostas às mulheres, especialmente em relação ao erotismo literário, refere-se ao fato de que, para entrar no meio literário, as mulheres

sempre tiveram que forçar essa entrada, nunca foram convidadas ou benquistas nessa atividade, não importando se o texto escrito reproduzia valores do patriarcado ou se os refutava e transgredia:

As mulheres chegaram à literatura a pulso, aldrabando, mentindo, chamam-lhes as ladras das palavras porque as palavras são dos homens. Para escrever tinham de ter pseudónimos de homens. E ainda hoje continuam a existir espaços da literatura que são proibidos às mulheres, não fica bem. O erotismo é um deles, as mulheres que escrevam poesia ou contos ou romances eróticos incomodam. E isso acaba por atingir a própria mulher. É difícil, é preciso ter muita persistência (Horta, 2014, s/p.).

Escrever sem publicar, publicar sem assinar o nome. Se a simples atribuição de propriedade intelectual em relação a um texto poderia comprometer a reputação das mulheres, a associação do nome a conteúdos sexuais na Literatura poderia selar uma derrocada definitiva para algumas autoras. A motivação para as restrições que se aplicam ao que pode ou deve uma mulher escrever tem raízes na estrutura patriarcal da sociedade, na qual a atividade sexual feminina se restringiria ou à reprodução – no caso das esposas – ou à satisfação masculina – no caso das prostitutas. A autonomia, tanto para o prazer quanto para escrever sobre o tema de sua preferência, constitui, portanto, uma das principais bandeiras do movimento feminista.

Quando uma mulher escreve o erotismo, especialmente se atribui ao texto uma perspectiva que parte da vivência específica das mulheres em relação ao sexo, está sempre se dedicando a uma atividade subversiva e transgressora – ainda que, em pleno século XXI, essa afirmação soe anacrônica. A ascensão mais recente do pensamento conservador e do pensamento ideológico, vinculado ao que se chama de extrema-direita, reviveu restrições às mulheres de modo amplo, de maneira a atingir também o campo da sexualidade. De modo paradoxal, se por um lado temos maior liberalidade em alguns aspectos da identidade de gênero, em outros setores se propaga livremente a ideia da submissão total feminina e o resgate de ideais de feminilidade normativa que anulam qualquer autonomia para a sexualidade das mulheres.

Nesse sentido, o resgate de autoras que tenham se dedicado à escrita do erotismo surge, na minha trajetória acadêmica, de um movimento de tentar perceber, na Literatura, como se articulam gênero e erotismo¹, bem como demonstrar que, mesmo diante de tantas restrições, as mulheres escrevem e expressam sua percepção da sexualidade do erotismo literário. Por outro

¹ Um dos estudos encontra-se no livro *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina*, Editora Mulheres (Borges, 2013). O artigo “Signos da morte como expressão do erotismo em contos de autoria feminina” (Borges, 2019) apresenta também uma discussão sobre a relação entre gênero e autoria do erotismo (Nota da Autora).

lado, também é um modo de impedir o apagamento dessas escritas, muitas vezes encapsuladas em livros com outras temáticas, ou relegadas à ideia de obra menor dentro da produção de certas beletristas.

A um só tempo, o estudo de Literatura com temática sexual no meio acadêmico inclui repensar métodos tradicionais de validação do literário, uma vez que a literatura erótica muitas vezes é tomada como paraliteratura ou, no geral, como textos apelativos ou imorais, de baixa qualidade estética e que, por sua natureza, não mereceriam ser alçados ao *status* de objetos de pesquisa. Como se pode perceber, os enfrentamentos não se limitam à atividade de produção ficcional, mas se estendem também à atividade crítica de produção de conhecimento acadêmico.

A escritora Marcia Denser, uma das pioneiras na escrita da ficção erótica por mulheres no Brasil, pondera, muito acertadamente, que a escrita do erotismo pode ser vista como um ato de ruptura com o patriarcado:

A escritora transgride a separação tácita existente entre esfera pública e privada, transformando-se ela própria, *a mulher que publica, em “mulher pública”*, quer dizer, a prostituta, que é a mulher pública por excelência; historicamente, qualquer mulher que ousasse agir em público arriscava-se a ser identificada como tal (Denser, 2015, p. 205, grifos meus).

Como poderíamos acrescentar, acionando Audre Lorde (2020), o erótico é um tipo de poder, e justamente por ser um poder, seu exercício é sequestrado às mulheres, colocadas como o objeto e não como sujeito do desejo, apropriadas pelo olhar e pelo verbo masculinos. Se, conforme já argumentamos, escrever é utilizar-se de um tipo de poder, escrever o erótico é elevar essa manufatura do poder um grau acima. A investigação sobre como as escritoras driblam essa estrutura mental e material extremamente restritiva foi o que inicialmente me instigou o desejo de estudar a prosa erótica de autoras, já que, apesar de toda a movimentação explícita ou sub-reptícia, mulheres escrevem temáticas sexuais desde a Antiguidade.

Minha pesquisa partiu inicialmente de três escritoras em específico e, no caso da escrita do erótico, não necessariamente se trata de “escritoras esquecidas”, mas de obras que recebem menos atenção de crítica e de público, especificamente por seus temas.

Ato seguido, passemos ao panorama do meu ingresso nessa egrégora de estudo a partir destas três escritoras brasileiras basilares para que entendamos o erótico feminino nas letras.

2 Movimentos de escrita e permanência em Lispector, Hilst e Young

A partir desse desejo, meus primeiros movimentos de pesquisa foram em torno do livro *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector (2020), para o qual observa-se uma estratégia narrativa que denominei *Erótica de contenção* (Borges, 2013). Por meio da “Explicação” e de processos retóricos de metalinguagem dentro dos contos, a autora, o tempo todo, parece estar se equilibrando entre o permitido e o proibido, entre o dito e não-dito, na acepção foucaultiana do termo que, associado ao dispositivo da sexualidade (Foucault, 2001), indica que o silenciamento expressa, no campo do discurso, aquilo que foi objeto de repressão por meio de um tagarelar incessante.

No mesmo estudo, foi abordada a trilogia obscena, de Hilda Hilst, composta pelos romances *O caderno rosa de Lori Lamby* (2005); *Contos d’Escárnio. Textos grotescos* (2002) e *Cartas de um sedutor* (2002), nos quais a autora usa a linguagem de suposta pornografia para afrontar o sistema literário e a recepção de sua obra anterior, considerada “difícil” pela maioria das/os leitoras/es. No entanto, o fato de Hilda Hilst tensionar ao extremo a linguagem, temas e personagens em sua prosa, estabelece uma *Retórica do excesso* em seus textos, de modo que a metalinguagem da ficção, a Filosofia e outros campos do saber contaminam o texto, afastando-o da prosa pornográfica mais corriqueira.

Hilda questiona o seu lugar como autora e a recepção daquilo que escreve e usa o obsceno e o escatológico como mobilizadores de leitura. Em nome de um riso irônico, tensiona os modos como se espera que mulheres lidem com temas sexuais, provando que a linguagem pode estar nessa zona selvagem da qual nos fala Elaine Showalter (1999), permitindo às mulheres acessarem qualquer parte do campo de expressão linguística, por mais chocante que possa parecer ao patriarcado conservador e aos críticos mais sisudos e apegados à superioridade da Literatura, que da boca – ou da pena – de uma mulher saiam certas construções de imagem.

Completando o estudo mencionado, uma terceira autora foi objeto de pesquisa para mim: Fernanda Young e seu *O efeito Urano* (2001). No caso desse romance, o foco recai sobre a crise de identidade da protagonista ao se ver, sendo uma mulher construída identitariamente como heterossexual, apaixonada por uma amiga lésbica. Não apenas o apaixonamento será alvo da trama, mas toda a reviravolta existencial que afetará a personagem, em uma *Estética de crise* que pauta todo o tratamento dado ao erotismo no texto. Investiduras e padrões de gênero, desejo e sua colonialidade construída pelo heterocispatriarcado serão tematizados e confrontados ao mesmo tempo em que se confronta qual o lugar das mulheres dentro dessa estrutura tão rígida, que regula corpos, prazeres e vidas.

Tendo finalizado esse estudo, o qual evidenciou que a escrita do erotismo é mesmo um ato de resistência quando se apresenta em escritoras mulheres, parti a investigar, à guisa de um inventário de ocorrências do erotismo feminino no Brasil, antologias de contos escritos por mulheres, a partir das duas primeiras organizadas por Márcia Denser, na década de 1980.

Sobre elas, trato com mais detalhes na próxima seção.

3 Outros passos na mesma trilha: as antologias de contos eróticos escritos por mulheres

Com a primeira dessas coletâneas, já se percebe a evidência de que a escrita do erotismo é um ato político e não apenas temático ou estético, quando se trata de mulheres escritoras:

A ideia de organizar uma seleta de textos eróticos femininos é antiga. Desde 1976, eu já havia conversado com alguns amigos sobre a proposta: reunir, num livro, o que estava sendo feito, em termos de literatura erótica, pelas escritoras brasileiras, uma vez que, até pouco tempo, o tema sexo parecia ser exclusividade masculina. Todavia, a mulher possui sua própria maneira de sentir o sexo. E transmiti-la. É engraçado, disse certa autora americana, mas o fato é que os orgasmos de Lady Chatterley *devem* ser de D. H. Lawrence, porque *eu* não sinto assim. [...] Presumo que Laurence soubesse o que estava fazendo ao descrever os orgasmos de sua personagem, bem como todos os escritores que tenham se metido na nossa pele. Mas, e quanto às mulheres? Mal podiam falar de seu próprio erotismo, quanto mais se meter na pele se seus parceiros (ou parceiras, ou). Neste ponto, naturalmente, o feminismo ficou ultrapassado. Sim, porque estamos falando de literatura, não? Está inaugurada uma nova fase. Depostas as armas, superados todos os modismos, agora é a vez do indivíduo. E esta seleta é uma confirmação. Porque as coisas estão mudando. É com prazer que posso afirmar isso. Muito prazer (Denser, 1982, p. 5. Grifos no original).

A antologia *Muito prazer* (1982), da qual reproduzimos acima a apresentação, é seguida por uma segunda coletânea, *O prazer é todo meu* (1984), a qual pretende fazer acréscimo de autoras que não compuseram a primeira, bem como publicar outros textos de autoras que já compunham o primeiro livro. O erotismo tematizado nessas duas antologias oferece relevo à experiência feminina, colocando em pauta o desejo feminino em sua relação com a conjugalidade, com a assimetria de gênero nas relações, com a violência física e psicológica, com as fantasias e loucuras em nome do desejo, em tempos de liberalidade sexual e militância feminista em caminhos de abertura política. Juntas, essas antologias são inaugurais na história da Literatura Brasileira, e contribuem, sobremaneira, para uma história feminista dessa mesma literatura.

A proposta de Márcia Denser é explícita, no sentido de reivindicar um lugar negado às mulheres, e mais ainda, reunir em um mesmo ambiente textual, produções dispersas pelo conjunto da obra das autoras, uma vez que à exceção de Denser, que já havia publicado um

conjunto de narrativas com foco no erotismo – *Diana caçadora e Tango Fantasma* –, projetos literários sobre temas sexuais como centralidade não compunham o acervo das escritoras.

Juntas, as duas antologias apresentam contos de 18 ficcionistas, sendo elas: Cecília Prada, Cristina de Queiroz, Judith Grossmann, Márcia Denser, Marina Colasanti, Myriam Campello, Olga Savary, Rachel Jardim, Regina Célia Colônia, Renata Pallotini e Sônia Coutinho na primeira antologia, acrescidas de Edla van Steen, Julieta de Godoy Ladeira, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Sônia Nolasco e Tânia Jamardo Faillace na segunda coletânea. Observemos que nenhuma escritora nordestina faz parte dessa plêiade. Algumas das autoras que compõem essa coletânea, ainda que não tenham permanecido como grandes nomes para as gerações posteriores, demarcaram de modo indelével a inserção das mulheres no campo do erotismo.

Todos os sentidos: contos eróticos por mulheres, organizada por Cyana Leahy, é uma coletânea publicada em 2003 e reúne, além da organizadora – a única dentre elas que é nordestina –, as escritoras Claudia Lage, Daniela Versiani, Eliane Ganem, Elvira Vigna, Flávia Savary, Josimey Costa, Lúcia Facco, Olga Savary e Sônia Pessanha. Todos os contos se centralizam nos sentidos do corpo humano: tato, olfato, visão, audição e paladar. Com essa centralidade, exploram os modos como o corpo pode expressar suas tensões eróticas para conseguir o máximo de prazer. Novamente, temos, de forma heterogênea, a permanência de publicações posteriores ou não, no entanto, os contos indicam que o caminho iniciado em décadas anteriores não fora interrompido. A obra das autoras, inclusive, permanece demandando o alargamento de suas fortunas críticas.

Intimidades: dez contos eróticos de escritoras brasileiras e portuguesas (2005), foi organizada por Luisa Coelho, e apresenta uma amostra da produção de ficção curta sobre erotismo no Brasil e em Portugal, reunindo as seguintes escritoras: Lídia Jorge, Inês Pedrosa, Ana Miranda – nordestina, de Fortaleza –, Maria Teresa Horta, Branca Maria de Paula, Guiomar de Grammont, Lygia Fagundes Telles, Teolinda Gersão, Nélide Piñon e Rita Ferro. A maioria dos contos apresenta endereçamento explícito para a relação entre erotismo e morte, em uma chave visivelmente batailliana da relação entre erotismo e experiências de limite que, conforme o autor “[...] colocam o ser em questão” (Bataille, 2013, p. 53).

Do conjunto de antologias até agora mencionadas, todas elas apresentam foco nas relações heteroafetivas, na relação homem-mulher e em como as mulheres se colocam no jogo erótico. A antologia *Elas contam*, organizada por Lúcia Facco, Helena Fontana, Glória Azevedo, Hanna-K e Lara Lunna, publicada em 2006, é a primeira de contos lesbianos publicada no Brasil. Com textos de 15 autoras – sendo elas Gloria Azevedo (paraibana), Paula

Marinho, Naomi Conte, Mariana Cortez, Helena Fontana, Lara Lunna, Lúcia Facco, Andrea Ormond, Hanna K., Jackie Rodrigues, Carol Rodrigues, Lavínia Motta, Laisa Mackenna, Danieli Hautequest e Laura Bacellar –, apresenta as dimensões do erotismo entre mulheres, narrado por mulheres. As autoras retratam a afetividade lésbica em textos que exploram tanto a explicitude quanto a alusão, as mudanças sociais benéficas que fazem com que seja possível uma coletânea como essa existir, mas, ao mesmo tempo, também denunciam homofobia, violências estruturais e apagamento a quem ousa transgredir.

Rinaldo de Fernandes selecionou 13 autoras de *50 versões de amor e prazer*, antologia publicada em 2012: Álex Leilla – de Bom Jesus da Lapa, Bahia –, Ana Ferreira, Ana Miranda (fortalezense, como posto acima), Ana Paula Maia, Andréa del Fuego, Cecília Prada, Juliana Frank, Heloisa Seixas, Leila Guenther, Luisa Geisler, Márcia Denser, Marília Arnaud e Tércia Montenegro – sendo as duas últimas, uma paraibana, de Campina Grande, e uma fortalezense respectivamente. Essa coletânea se apresenta como uma espécie de reunião ao colocar lado a lado escritoras já consideradas clássicas, como Márcia Denser, e incorporar as contemporâneas. Os contos selecionados congregam tanto temas já caros à autoria feminina do erotismo – como as relações conjugais –, como abordam outros mais espinhosos – como pedofilia, abusos diversos e violência em vários níveis e âmbitos –, aproximando-se do chamado “modo de vida contemporâneo”, pautado pela liquidez, certa efemeridade e experimentação. De modo análogo, predomina o contexto urbano, tão caro à vida presente, com suas acelerações e ansiedades, todas elas afetando o modo como as pessoas se relacionam eroticamente.

Diante do que venho expondo neste relato de experiência até este ponto, pergunto: “Para que serve uma antologia?”. É o que abordo a seguir.

4 Uma antologia serve para quê?

Recentemente foi publicado o resultado de uma extensa pesquisa empreendida por Eliane Robert de Moraes, uma das nossas maiores especialistas em erotismo no Brasil. A *Antologia do conto erótico no Brasil*, composta pelas coletâneas *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)* e *O corpo desvelado: contos eróticos brasileiros (1922-2022)*. Apresenta um panorama da produção de contos eróticos no país, abrangendo um largo espectro cronológico, e cumpre o propósito de apresentar os principais autores, temas e vertentes dessa narrativa. Um olhar, que nem precisa ser muito atento, para a composição autoral das antologias, nos dimensiona o desequilíbrio de gênero entre as autorias: no volume 1, que compreende boa parte do século XIX e as décadas iniciais do século XX, dos 28 nomes, 27 são

homens e 1 é mulher, Julia Lopes de Almeida, incluída apenas na segunda edição – a atual, revista e ampliada –, após a localização, *a posteriori*, da ocorrência do erotismo em alguns de seus contos. Júlia Lopes de Almeida também trata de temas relacionados ao erotismo feminino em romances, como é o caso de *A viúva Simões*.

No volume 2, temos uma mudança significativa de quadro: de 63 nomes, 20 são mulheres, cis ou auto identificadas como transexuais. São elas: Amara Moira, Ana Miranda, Ana Paula Maia, Andréa del Fuego, Beatriz Bracher, Chrysanthème – pseudônimo de Cecília de Vasconcellos –, Cíntia Moscovich, Elvira Vigna, Esmeralda Ribeiro, Helena T., Hilda Hilst, Ivana Arruda Leite, Lygia Fagundes Telles, Márcia Denser, Myriam Campello, Natalia Borges Polessio, Olga Savary, Seane Melo, Veronica Stigger e Vilma Arêas. É perceptível também, ainda que em número reduzido, a inclusão de autoria negra. Dessas, somente há duas nordestinas: Seane Melo, maranhense, e Ana Miranda, cearense.

A presença mais expressiva de autoras torna evidente que, no último século, a invisibilidade da escrita erótica de mulheres e o “esquecimento” de seus escritos são menos flagrantes. Temos também um aumento substancial no número de mulheres contistas, e temos ainda que considerar as não citadas, uma vez que toda seleção pressupõe exclusões e preferências segundo os critérios da antologista. Chama a atenção que muitas autoras presentes nas antologias específicas, mencionadas anteriormente, não tenham seus textos citados na *Antologia do Conto Brasileiro*, que pretende dimensionar todo o erotismo na narrativa curta no Brasil. Não foram suficientemente canonizadas? Suas obras não chegaram aos centros de referência? Talvez.

Mas outra questão se levanta e essa repercute em feridas sociais: por que nordestinas são/estão tão ausentes dessas coleções de contos – eróticos ou não – se tantas delas se dedicaram e se dedicam ao ofício de escrever literariamente? Fica o mote para próximas pesquisas, mas sobretudo, para discussões atuais.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ainda que a composição de antologias seja um processo complexo em seu todo, no caso de autoria feminina do erotismo, tendo em vista a minha experiência de inventariar suas existências, estas provam ser uma forma de resistência contra o apagamento da voz erótica das mulheres. Constar em uma antologia, é, certamente, uma estratégia de pertencimento ao campo, de demarcação de existência como autora que tematizou o sexo na Literatura. As antologias se

compõem, portanto, como projetos políticos de visibilização de autoria, estratégias de permanência imprescindíveis e verdadeiros antídotos contra o esquecimento.

Quando afunilamos esse pertencimento para as escritoras nordestinas de ontem e de hoje, o panorama é bastante modificado quando o erotismo faz parte do estilo de escrita ou das temáticas elaboradas por elas. Advindas de uma cultura acachapante, que tolhe expressões legítimas de vivências pessoais no campo do erotismo, elas tiveram e seguem tendo que usar de artifícios para veicular sua mensagem sem serem anuladas pela recepção enviesada às suas obras.

Para que tenhamos a exata ideia de como a literatura erótica é vista nesta região do país, de todas as escritoras citadas aqui por mim, nas antologias por mim triadas, inventariadas e apresentadas neste relato de experiência, as nordestinas não chegam a cinco, seu número não cabe em uma mão. A predominância incontestável é de autoras do eixo Sudeste-Sul, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Estamos no século XXI. Mudemos esse cenário.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. *O erotismo*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BORGES, L. Signos da morte como expressão do erotismo em contos de autoria feminina. In: *Revista Interdisciplinar*. Aracaju, vol. 32, jul.-dez., 2019, p. 195-211. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12876/9709>. Acesso em: 8 dez. 2023.

BORGES, L. *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

COELHO, L. *Intimidades*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DENSER, M. *Desestórias*. Curitiba: Kotter Editorial, 2015.

DENSER, M. (Org.). *O prazer é todo meu: contos eróticos femininos*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

DENSER, M. (Org.). *Muito prazer: contos eróticos femininos*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

DUARTE, C. L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Vol. 2: Século XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DUARTE, C. L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Vol. 1: Século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FACCO, L.; FONTANA, H.; AZEVEDO, Glória; HANNA-K; LUNNA, L. (Orgs.). *Elas contam*. São Paulo: Editora Corações e Mentres, 2006.

FAEDRICH, A. *Escritoras silenciadas*: Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa Edições, 2022.

FAEDRICH, A. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. In: *Revista Letrônica*, Porto Alegre, vol. 11, n. esp. (supl. 1), s164-s177, set., 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/30477/17321>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FERNANDES, R. de (Org.). *50 versões de amor e prazer: 50 contos eróticos por 13 autoras brasileiras*. (Coleção Muito Prazer). São Paulo: Geração Editorial, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

HILST, H. *O caderno rosa de Lori Lamby*. [1990]. São Paulo: Globo, 2005.

HILST, H. *Cartas de um sedutor*. [1991]. São Paulo: Globo, 2002.

HILST, H. *Contos d'escárnio. Textos grotescos*. [1991]. São Paulo: Globo, 2002.

HORTA, M. T. Entrevista [a Catarina Pires]. Coluna Histórias, *Magazine Notícias*. Disponível em: <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/maria-teresa-horta/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

LEAHY, C. (Org.). *Todos os sentidos: contos eróticos por mulheres*. Niterói: CL Edições Autorais, 2003.

LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. [1974]. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LORDE, A. Os usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, pp. 67-74.

MIRANDA, F. R. de; ASSUNÇÃO, M. F. M. de. Colonialidade e silenciamento nos cânones literário e historiográfico brasileiros. In: *Anuario de la Escuela de Historia Virtual*, Año 13, n. 22, 2022. p. 202-217. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/anuariohistoria/article/view/40399/40653>. Acesso em: 8 dez. 2023.

MORAES, E. R (Org.). *Antologia do conto erótico brasileiro*. Vol. 1: O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922). 2ed. rev. e ampl. Recife: Cepe Editora, 2023.

MORAES, E. R. (Org.). *Antologia do conto erótico brasileiro*. Vol. 2: O corpo desvelado: contos eróticos brasileiros (1922-2022). Recife: Cepe Editora, 2022.

MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do Século XIX*. Vol 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 23-57.

YOUNG, F. *O efeito Urano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.